

Jamais fomos humanos: ensaio de uma psicologia contracolonial

We have never been human: essay on a counter-colonial psychology

Nunca fuimos humanos: ensayo de una psicología contracolonial

 **Édio Raniere da Silva**

Programa de Pós Graduação em Artes - PPGartes/Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Coordenador do Laboratório de Arte e Psicologia Social - LAPSO. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pelotas, RS, Brasil.
Email: edioraniere@gmail.com

 **Bibiana Scherer**

Estudante de Psicologia na Universidade Federal de Pelotas. Atualmente, é bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq), atuando no Laboratório de Arte e Psicologia Social (LAPSO), sob a orientação do Prof. Édio Raniere da Silva. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pelotas, RS, Brasil.
Email: bibianacaye@gmail.com

RESUMO

O ensaio busca desterritorializar e questionar *O que quer* (Deleuze, 2018) a humanidade e/ou o excepcionalismo humano em nós. Conceitos colonialistas que garantem privilégios a um seleto grupo e violentam aqueles que não se encaixam e/ou não se submetem. Agenciados ao pensamento afropindorâmico, aprendemos com os nossos professores que a terra e os bichos também comem e querem (Bispo dos Santos, 2023); a dizer não a servidão voluntária que nos faz querer, ou ter a esperança de ingressar em um clube — o dos humanos —, o qual tem como premissa de funcionamento a exceção (Krenak, 2020); a hackear o sistema colonialista (Baniwa, 2018) e a negar uma submissão a ele (Esbell, 2021). A partir dessas composições e imagens que pensam em nossos corpos, buscamos, assim como Krenak (2019), aceitar a queda da humanidade que pensávamos ser, e a construir novas habitações para nos abrigarmos coletivamente do excesso de caos.

Palavras-chave: Pensamento Afropindorâmico; Arte indígena contemporânea; Nêgo Bispo; Colonialismo; Nietzsche.

ABSTRACT

This essay seeks to deterritorialize and question *what* humanity and/or human exceptionalism *want in us* (Deleuze, 2018). These colonialist concepts grant privileges to a select group while violently excluding those who do not fit or submit. Engaged with Afropindoramic thought, we learn from our teachers that the earth and the animals also eat and desire (Bispo dos Santos, 2023); to say no to the voluntary servitude that makes us want - or hope - to enter a club, the “club of humans,” which functions through the logic of exception (Krenak, 2020); to hack the colonialist system (Baniwa, 2018) and to deny submission to it (Esbell, 2021). Through these compositions and images that think through our bodies, we aim, like Krenak (2019), to accept the fall of the humanity we thought we were and to build new forms of shelter where we can collectively take refuge from the excess of chaos.

Keywords: Afropindoramic Thought; Contemporary Indigenous Art; Nêgo Bispo; Colonialism; Nietzsche.

RESUMEN

Este ensayo busca desterritorializar y cuestionar *qué quiere* la humanidad y/o el excepcionalismo humano en nosotros (Deleuze, 2018). Estos conceptos colonialistas garantizan privilegios a un grupo selecto y violentan a quienes no encajan o no se someten. En diálogo con el pensamiento afropindorámico, aprendemos con nuestros maestros que la tierra y los animales también comen y desean (Bispo dos Santos, 2023); a decir no a la servidumbre voluntaria que nos hace querer, o tener la esperanza de entrar a un club - el de los humanos - que funciona bajo la lógica de la excepción (Krenak, 2020); a hackear el sistema colonialista (Baniwa, 2018) y a rechazar la sumisión a él (Esbell, 2021). A partir de estas composiciones e imágenes que piensan en nuestros cuerpos, buscamos, al igual que Krenak (2019), aceptar la caída de la humanidad que creíamos ser y construir nuevas moradas para refugiarnos colectivamente del exceso de caos.

Palabras clave: Pensamiento Afropindorámico; Arte indígena contemporáneo; Nêgo Bispo; Colonialismo; Nietzsche.

A evocação deste ensaio está relacionada com um convite que as pesquisadoras Lúcia Karam Tietboehl, Mariana Schubert Lemos, Monique Navarro Souza, Raysha Nery, bem como o Programa de Pós-graduação de Psicologia (PPGSI) da UFRGS fizeram ao Prof. Édio Raniere da Silva¹: criar conversações em torno do artigo "Sensibilidades em colapsos: por uma psicologia social 'entre-mundos'", o qual fora apresentado no Temas em Debate 2025 — A Psicologia Social no Contexto das Mudanças Climáticas: implicações no fazer, pensar e sentir. São as forças e imagens presentes nesse encontro, agenciadas a tantas outras que nos compõe e nos movem em direção a um devir simpoiético, confluyente, que nos levam a pensar, escrever e continuar a conversa, agora nesse formato de ensaio.

"Sensibilidades em colapsos: por uma psicologia social 'entre-mundos'" parece tocar em tantas urgências, tantas que seria difícil até listá-las. Às mudanças climáticas; o fracasso da psicologia social; o conceito de esgotamento do possível em Deleuze; a presunção de uma psicologia social, esteja ela agenciada as gerações passadas presentes ou futuras, de dar conta da aceleração com que ocorrem as transformações; as cosmopolíticas; a noção de pensamento ameríndio, criada por Viveiro de Castro e sempre criticada por pensadores afropindorâmicos como Ailton Krenak; a potência de uma reterritorialização frágil; a produção do comum; o exercício fabulativo; a ficção; o sistema de monoculturas; a tentativa de problematizar o colonialismo a partir do decolonialismo, sem mencionar a crítica radical que Antônio Bispo dos Santos, importante referência citada pelo texto, realiza sobre o decolonialismo.

O que tentaremos compor, a partir desse momento, é um diálogo com aquilo que nos parece ser a problemática do artigo: a relação entre humano e não-humano. Para tecer conosco este ensaio — ou as figuras de barbante, como propostas por Donna Haraway (2023), vamos trazer, em um primeiro momento — Arte Indígena Contemporânea e a Ancestralidade Animal, o artista e pensador macuxi Jaider Esbell, para nos ajudar a compreender a Arte Indígena Contemporânea (AIC) como um sistema de arte próprio, não subjugado à estética dos colonizadores, e a bicharada como nossos mestres. Na sequência — A Invenção da Humanidade —, Antônio Bispo dos Santos afirma a contracolônização como recusa ou linha de fuga a uma humanidade cosmo-fóbica cuja gênese estaria no livro de Gênesis. Análise que nos permitirá mapear agenciamentos entre a noção aristotélica de animal político, o Julgamento de Valladolid e os direitos humanos. Por fim, em Jamais Fomos Humanos, o pensamento afropindorâmico nos encoraja a problematizar o desejo de pertencer ao seletivo grupo da humanidade (Krenak, 2020) e a inventar/experimentar outras possibilidades de habitar o mundo.

Esses pensadores, assim como os múltiplos coletivos de enunciação que os precedem, irão tramar agenciamentos — jogando a linha uns para os outros —, e sustentando coletivamente as formas/forças em devir ao longo deste ensaio.

Arte Indígena Contemporânea e a Ancestralidade Animal

Como ponto de partida desta conversa, retomamos a enigmática e instigante afirmação de Antônio Bispo dos Santos, citada na página 9 do artigo que estamos pensando com:

Nós somos os diversosais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofobia é a grande doença da humanidade (Bispo dos Santos, 2023, p. 29).

A afirmação do não-humano está presente em muitas obras contemporâneas, sendo possível localizá-la em diversos contextos artísticos. Para que a gente possa pensar com algumas delas ou, talvez, seja mais adequado dizer — para que algumas dessas obras pensem em nossos corpos —, vamos utilizar, a partir de agora, de um conceito guarda-chuva criado pelo artista e pensador macuxi Jaider Esbell: a noção de Arte Indígena Contemporânea.

Em 2018, Ana Avelar e Ana Magalhães publicaram na edição 37, da Revista Select, um ensaio que causou uma grande polêmica: ‘Dos Tupinambá aos Huni Kuin: arte contemporânea brasileira em risco’. Muitas pessoas protestaram e exigiram direito de resposta. Duas edições mais tarde, o editorial da revista abriu espaço e convidou Jaider Esbell — escolhido pelos próprios parentes — para publicar ‘Arte Indígena Contemporânea e o Grande Mundo’. É nesse trabalho que Jaider apresenta, pela primeira vez ao grande público a noção de Arte Indígena Contemporânea: “O sistema de arte europeu desconhece e, portanto, não reconhece que entre os indígenas há um sistema de arte próprio, com sentidos e dimensões próprios. A arte indígena contemporânea seria essa força-poder de atração, ou mesmo atracação” (Esbell, 2018a).

O conceito de Arte Indígena Contemporânea parece encaminhar bem muitos dos impasses da antropologia, da história da arte, bem como da estética. Os trabalhos que vamos visitar agora são, a nosso ver, obras de Arte Indígena Contemporânea.

Vamos começar com ‘Kanau’kyba anti-batismo de Makunaimi e pussanga da pedra’; de Gustavo Caboco:



Figura 1: CABOCO, Gustavo. Kanau'kyba anti-batismo de Makunaimi e pussanga da pedra. 2019-2022.

Acrílico sobre tela. Disponível em: <https://almeidaedale.com.br/artistas/gustavo-caboco/>.

Acesso em: 9 abr. 2026.

Percebam que, ao invés do humano, o que temos no centro da composição é a pedra. Uma pedra de muita intensidade. Ela faz passar uma força enorme que parece envolver ou curar (já que a noção de pussanga remete

a algum tipo de tratamento e/ou de feitiço) um grupo que a circula. Mas curar do quê? Do monoteísmo, do cristianismo? Talvez seja possível propor uma relação entre o que Gustavo Caboco chama de anti-batismo e o conceito de contracolônização em Nêgo Bispo. E nesse sentido poderíamos pensar o Anti-Batismo como reversão ou linha de fuga da religião do colonizador. Mas e a pedra. Que pedra é essa? Talvez essa pedra seja a Muiraquitã que Macunaíma ganhou de Ci, a mãe do mato. Todos conhecemos bem a história por conta do livro "Macunaíma: o herói sem nenhum caráter" de Mário de Andrade. Mas Gustavo Caboco não chama o personagem desse modo. Ele parece reivindicar, como também o fazem Jaider Esbell e Denilson Baniwa, uma relação muito específica com Macunaíma, que nessa obra aparece como Makunaimi. O que estaria em questão nesse ponto?

Theodor Koch-Grünberg, etnólogo alemão, visitou o Brasil algumas vezes, realizando expedições em companhia de lideranças indígenas que o guiavam pela floresta. Em momentos de descanso, geralmente à noite, à beira da fogueira, escutava histórias que os guias compartilhavam — algumas dessas histórias foram publicadas em 1917, em um livro intitulado *Vom Roraima zum Orinoco* — Do Roraima ao Orinoco. Mário de Andrade lê o livro de Koch-Grünberg, no original em alemão, e escreve a partir dele "Macunaíma: o herói sem nenhum caráter". Muitos, na época, a exemplo do folclorista Raimundo Moraes, acusam Mário de Andrade de plagiar o etnólogo. Mais do que confirmar a denúncia, Mário costumava aprofundá-la:

Copiei, sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. E até o sr. na cena da Boiuna. Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mais ainda, na "Carta pras Icamíabas", pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais (...)" (Andrade, 1931, citado por Sá, 2017, pp. 223-224).

Essa resposta curiosa, já na época, algumas vezes enunciada como "Plagiei, sim, plagiei o Brasil!" permite que nos aproximemos da reivindicação feita, atualmente, por muitos dos netos de Makunaimi: nós não somos brasileiros, somos Penon, Wapichana, Macuxi, Taurepang; somos descendentes de Makunaimi. Esta negação de uma identidade majoritária e ao mesmo tempo reivindicação de uma ancestralidade, ou de um ancestral, vive nas obras de Jaider, Denilson e tantos outros artistas de AIC. Trata-se de um convite para um passeio em outros mundos como forma de ver, pensar e experimentar narrativas e sensações, que não as dos colonizadores:

(...) um passo para mais mistérios. (...) tanto meu avô Makunaimi quanto eu mesmo, parte direta dele, somos artistas da transformação. (...) Makunaimi como disse dispensa uma forma, um gênero, uma gênese. É um estado de energia que se cria e recria em si mesmo (...) Passar pela necessidade de uma forma humana ocidentalizada, concreta e masculina já podem ser efeitos claros da colonização (Esbell, 2018b, pp. 14-21).

Agora, vamos visitar 'Os caminhos dos xapiri quando descem até a casa dos xamãs'; de Joseca Yanomami:



Figura 2: YANOMAMI, Joseca. Os caminhos dos xapiri quando descem até a casa dos xamãs. Disponível em: <https://ims.com.br/2023/01/30/o-ims-circula-pelo-mundo-por-nani-rubin/>. Acesso em: 9 abr. 2026.

Em que medida o não humano se apresenta nesta obra? No quarto capítulo de “A queda do céu — Palavras de um xamã yanomami”, Davi Kopenawa nos ajuda a compreender:

Há muito e muito tempo, quando a floresta ainda era jovem, nossos antepassados, que eram humanos com nome animais, se metamorfosearam em caça (...) São habitantes da floresta, tanto quanto nós. Tomaram a aparência de animais de caça e vivem na floresta porque foi lá que se tornaram outros. Contudo, no primeiro tempo, eram tão humanos quanto nós. Eles não são diferentes. Hoje, atribuímos a nós mesmos o nome de humanos, mas somos idênticos a eles (...) Os xapiri são as imagens dos ancestrais animais yarori que se transformaram no primeiro tempo. (Kopenawa & Albert, 2015, pp. 117-118)

É interessante pensar uma Ancestralidade Animal em contraposição a uma ancestralidade humana, demasiadamente humana, cuja imagem herdamos do monoteísmo, bem como do pensamento ocidental.

A partir do método de dramatização que Deleuze (2018) apresenta em “Nietzsche e a Filosofia”, é possível se questionar: O que quer a ancestralidade em nós? O que quer essa imagem ancestral? O que quer a imagem de humanidade enunciada por uma ancestralidade puramente humana em nossos corpos? Ao mesmo tempo, o que querem os xapiris, os ancestrais animais, quando visitam os xamãs? O que quer, em nós, a imagem de uma ancestralidade animal?

Tietboehl, Lemos, Souza e Nery nos dizem o seguinte:

As existências e pessoas qualificadas com o rótulo de “(in)diferente”, em épocas históricas variadas, foram consideradas como corporalizadas, dominadas pelo instinto e pelo afeto, entendidas como isentas de racionalidades. Elas são o outro, e o outro é um corpo desprovido de importância dentro dessa dinâmica [grifo nosso] (2026, p. 10).

Em que medida a noção de humano, de uma ancestralidade puramente humana, excepcionalmente humana, separada de toda natureza, cria condições de possibilidade para essa dicotomia entre o nós e o outro; entre o nós e o eles?

Vamos permanecer no problema, como sugere Donna Haraway (2023), e visitar agora, ou talvez seja mais correto dizer revisitar, duas performances possivelmente conhecidas da maioria de vocês: 'Pajé-Onça-Hackeando-a-33ª-Bienal-de-Artes-de-São-Paulo' e 'Pajé-Onça caçando na Avenida Paulista', de Denilson Baniwa:



Figura 3: BANIWA, Denilson. Pajé-Onça Hackeando a 33ª Bienal de Artes de São Paulo. 2018. Intervenção/performance. Fotografia: José Moreau. Disponível em: <https://celeste.art.br/arte-indigena-como-expor/>. Acesso em: 9 abr. 2026.

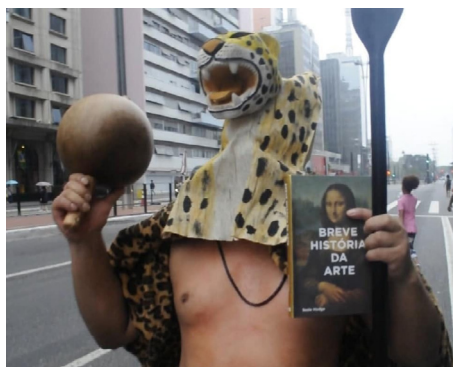


Figura 4: BANIWA, Denilson. Pajé-Onça caçando na Avenida Paulista. Performance. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GtwR1-KopqM>. Acesso em: 9 abr. 2026.

Nessas performances, Baniwa expõe o modo como a história da arte se relaciona com os povos originários. Folha após folha da famosa obra de Susie Hodge — Breve história da Arte — Baniwa procura pela arte indígena, mas nada encontra. Ao mesmo tempo que o livro está repleto de obras de arte onde os indígenas figuram objetificados. Aparecem sempre como exóticos, primitivos, representações de um olhar branco. Trata-se de duas performances incrivelmente potentes e abertas a muitas leituras. Vamos aqui propor uma relação entre O Pajé Onça, de Baniwa, e o líder Tupinambá Cunhambebe. Vocês lembram de Cunhambebe?

Ele é um personagem importante da nossa história e que conhecemos a partir do livro de Hans Staden “Duas viagens ao Brasil: Primeiros registros sobre o Brasil”. Staden era uma espécie de mercenário do renascimento, vendia a sua força de trabalho ao exército que pagasse mais. Ele vem para o Brasil em momentos diferentes, entre 1548 e 1557, e, em uma dessas viagens, quando seu navio naufraga na costa brasileira, fica responsável, então, por um forte português na Ilha de Santo Amaro, em frente a Bertioga. Logo descobre o motivo da facilidade de conseguir tal trabalho: ali era lugar de passagens, rotas guerreiras, dos tupinambás — que não demoram a chegar e o aprisionar.

Staden sabia que os tupinambás odiavam os portugueses — uma vez que esses assassinavam os seus amigos e eram “aliados” dos tupiniquins, seus inimigos —, mas negociavam com os franceses. Este alemão, ao saber da aproximação entre franceses e os tupinambás, tenta se passar por francês para assim evitar sua morte. Os tupinambás, por sua vez, ficam na dúvida sobre o que fazer com o prisioneiro, decidindo, portanto, deixá-lo em vigilância até a chegada de algum francês para confirmar a história.

Muitas coisas acontecem durante os nove meses de aprisionamento de Staden, e que vão adiando o momento da sua morte — como a realização, ao acaso, de “profecias”, o que vai lhe conferindo alguma credibilidade entre os tupinambás —, até o dia que consegue voltar à Europa. No entanto, o ponto que nos interessa, é um momento de guerra e captura de alguns tupiniquins e cristãos que participam de um ritual antropofágico. Nesse momento, o alemão, em uma conversa com Cunhambebe, maior liderança tupinambá, questiona o líder após ele lhe oferecer carne humana: “(...) um homem deveria comer um outro homem?” (2021, p. 116). Cunhambebe, então, respondeu mordendo uma perna: “Sou uma onça. É gostoso” (2021, p. 116). Perplexo, Hans Staden se afasta.

O humanismo euro-cristão de Hans Staden nada compreende do ritual antropofágico. Da mesma forma, como a história da arte nada compreende sobre a Arte Indígena Contemporânea. Ambos enxergam apenas um Eles, um Outro objetificado onde se expressa o canibalismo; o exotismo; um não-humano que deve ser submetido ou catequizado, transformado em humano.

Outra referência importante nesse contexto é a obra ‘A redenção’; de Daiara Tukano:



Figura 5: TUKANO, Daiara. A redenção. 2022-2023. Disponível em: <https://nheepora.mlp.org.br/>. Acessado em: 9 abr. 2026.

Nessa obra, vemos um homem religioso, talvez um padre, talvez o Bispo Sardinha, ou José de Anchieta², sendo devorado por uma onça e uma cobra. O Humano devorador de mundos aparece como a comida dos bichos. Os Bichos e o não-humano também comem. E o humano, para esses, é um ótimo alimento. O engraçado é que o humano quer aquilo que a terra dá; mas dificilmente aceita o fato de que a terra também quer (Bispo dos Santos, 2023).

Talvez um modo de expor o excepcionalismo humano que nos mantém assentados no trono de um deus morto passe por aceitar que somos comida dos bichos, das plantas, dos peixes, de tantos e tantos que também querem. Querer, diria Deleuze, “(...) não é um ato como os demais. Querer é a instância ao mesmo tempo genética e crítica de todas as nossas ações, sentimentos e pensamentos” (Deleuze, 2018, p. 102).

Para que possamos voltar a Nêgo Bispo, vamos agora fechar essa etapa imagética com Jaider Esbell. Tem muita coisa bonita do Jaider que caberia nessa conversa sobre o não humano. Pensamos em trazer a coleção *Makunaima, o meu avô em mim*, depois nas serpentes gigantes — *Entidades* —, mas acabamos nos decidindo pela curadoria que Jaider produziu para *Exposição Moquém_Surari: arte indígena contemporânea*³, a qual aconteceu no MAM de SP, em novembro de 2021. No momento em que esse importante artista e pensador, infelizmente,

faleceu. Trazemos essa curadoria também como uma homenagem ao Jaider, pensando esse trabalho como sua última obra. Aqui, um pequeno trecho do artigo que ele escreveu para o catálogo dessa exposição:

O'ma'kon é uma reunião de bichos, uma grande bicharada. São eles nossos professores. Não somos mais que eles. É preciso negar a supremacia humana sobre a diversidade de formas de vida. (...) Para mim, o que nós artistas indígenas estamos fazendo é isso. Estamos saindo de nossas comunidades, guetos, favelas, e indo caçar, como sempre fazemos, recorrendo aos nossos mestres, a bicharada. Que eles nos ensinem mais uma vez e que nos sirvam para que sirvamos de um novo alimento ao mundo empobrecido, exaurido e profundamente carente, a vida da atualidade. (Esbell, 2021, p. 15)

A invenção da Humanidade

Agora, com todas essas obras pensando em nosso corpo, podemos retornar a Nêgo Bispo para nos aproximarmos um pouco mais da crítica que ele faz aos humanos:

A humanidade se desconectou da natureza exatamente por ter cometido o pecado original. Seu castigo foi se afastar da natureza. Por isso Adão foi expulso do Jardim do Éden e o humanismo passou a ser um sistema, um reino desconectado do reino animal. Dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmo-fobia (Bispo dos Santos, 2023, pp. 18-19).

Antônio Bispo dos Santos nos instiga a pesquisar a invenção da humanidade, sua gênese, no livro de Gênesis. Aceitamos a provocação e fomos ao livro sagrado ver se encontrávamos alguma coisa. Vejam só o que encontramos no capítulo 01, versículos 26 a 29:

Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine [grifo nosso] ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão” (...) “Sejam férteis e multipliquem-se! Enchem e subjuguem a terra! [grifo nosso] Dominem [grifo nosso] sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”. Disse Deus: “Eis que dou a vocês todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes.

O pensamento monoteísta é um pensamento da exceção. Nele o homem tem o direito sagrado de subjugar, dominar, escravizar o não-humano. Direito dado ao homem pelo próprio deus. Essa pretensão de superioridade é que estamos chamando, em agenciamento com Donna Haraway, Vinciane Despret e Anne Sauvagnargues, de excepcionalismo humano.

A mesma condição de superioridade, exclusivamente atribuída ao humano, aparece também na base do pensamento ocidental. Fomos ensinados, desde o ensino médio, ou talvez já no ensino fundamental, que o Homem é um animal político. E, muitas vezes, em nossa formação em Psicologia Social, aprendemos que fazer psicologia é fazer política. Vocês certamente estão lembrados de quem definiu o homem desse modo.

Trata-se de uma definição muito popular e, como vocês sabem, está no primeiro Livro da Política de Aristóteles. Contudo, por que essa definição seria importante para sequência do nosso debate? Porque fomos ensinados a pensar, como bons modernos, que todos nós somos animais políticos; ou seja, fomos ensinados a pensar que todos somos humanos. Que a humanidade seria algo universal, onde caberiam mulheres, pretos, trans, latino-americanos, indígenas, todo mundo. Nosso professor de história no ensino médio nos ensinou que Aristóteles estaria falando de nós, de todos nós, quando definiu o homem como animal político, a conclusão dele era, portanto, de que todos nós éramos humanos. E isso é um grave erro.

Para Aristóteles (1999) o homem é aquele que nasce na polis, na cidade. Quem nasce fora da cidade não

é humano. É simples assim. A natureza política do homem está relacionada com um exercício que ele, em conjunto com seus semelhantes, realiza na cidade. Não se pode ser um cidadão se você não nasce na cidade. E esse fato não é um mero acidente. É a natureza das coisas. É o mesmo caso da mulher e do escravo, que, assim como o selvagem ou o bárbaro, possuem naturezas distintas da natureza do homem. Para Aristóteles, eles não são propriamente humanos. E a melhor coisa que eles podem fazer, por suas vidas, esses que não são humanos, é se submeterem aos humanos. Dizendo de outro modo: trata-se de um pensamento onde os humanos teriam o direito legítimo de subjugar, dominar os não humanos. Visto que essa é a natureza das coisas. Vejamos como isso aparece no primeiro Livro da Política:

É evidente que o Estado é uma criação da natureza, e que o homem é, por natureza, um animal político. É aquele que por natureza, e não por mero acidente, não tem cidade, nem Estado, ou é muito mau ou muito bom, ou sub-humano ou super-humano (Aristóteles, 1999, p. 146).

O pensador grego continua:

O homem é superior e a mulher inferior, o primeiro manda e a segunda obedece (...) Portanto, onde houver essa mesma diferença que há entre alma e corpo, ou entre homens e animais (como no caso dos que têm como único recurso usar o próprio corpo, não sabendo fazer nada melhor), a casta inferior será escrava por natureza, e é melhor para os inferiores estar sob domínio de um senhor. (...) Os animais inferiores não concebem a razão, obedecem a paixões. Sem dúvida, o uso dos escravos e dos animais domésticos não é muito diferente, uma vez que em ambos o corpo atende às necessidades da vida (Aristóteles, 1999, pp. 150-151).

Alguma coisa parece fora do lugar, não é mesmo? Se Aristóteles defendia uma espécie de clube fechado dos humanos. Se para ele a natureza humana era um privilégio de poucos, então por qual motivo atualmente acreditamos que a humanidade é universal, que todos somos humanos, que o clubinho está sempre de portas abertas para novos associados? E ainda, em que sentido é possível afirmar que nosso trabalho, como psicólogos, se pauta pela defesa dos direitos humanos? Essas perguntas nos parecem importantes, porque, no início do cristianismo o pensamento predominante era de base platônica; de santo agostinho até o século XIII o cristianismo era, como diria Nietzsche (2005), um platonismo para as massas.

Tudo mudou com os escolásticos, onde a figura de São Tomás de Aquino veio a ser a mais conhecida. A partir desse momento, portanto, o pensamento de Aristóteles vai reposicionar o cristianismo, criando condições de possibilidade para o renascimento, o Iluminismo e as ciências modernas. Desse modo, as grandes questões que se colocam aqui são: porque acreditamos, atualmente, que somos humanos? Como fomos convencidos disso? Que acontecimento foi esse que transformou o clube restrito de Aristóteles em uma humanidade universal, acessível, aberta a todos?

O Nome desse acontecimento, acreditamos que vocês já o deduziram, é Colonialismo. Ou seja, a hipótese que trabalhamos já a algum tempo, é de que a humanidade, tal qual a pensamos atualmente, é uma espécie de dispositivo do colonialismo. Quando os invasores euro-cristãos aportaram em Pindorama e viram aquela multidão de gente vivendo ali, a grande pergunta que se fizeram foi: eles são humanos? Essa pergunta culminou no que conhecemos como Julgamento, ou Controvérsia de Valladolid, em 1550, protagonizado pelo bispo Bartolomeu de Las Casas e pelo humanista e teólogo Juan Ginés de Sepúlveda.

Sepúlveda vai defender a tese de Aristóteles: eles não são humanos e, portanto, devem ser dominados, subjugados. Eles não nasceram na *polis*. São selvagens, bárbaros, comem uns aos outros. Não são cristãos. Não conhecem a verdadeira religião. E, portanto, temos o legítimo direito, nós que somos humanos, de dominá-los pela força; de submetê-los, de escravizá-los.

Para Las Casas, os indígenas até poderiam ser classificados como bárbaros, do modo como afirmava Sepúlveda. No entanto, eles participariam de uma categoria até então inexistente: bárbaros que desconhecem a fé cristã (Grosfoguel, 2016; Gutiérrez, 2014). Um novo conceito de humanidade está a caminho. Las Casas é

uma espécie de porta voz das forças que irão forjar o humanismo que conhecemos nos dias atuais.

Até aquele momento, a ideia de humanidade era concebida como um atributo político exclusivo de certos grupos, sendo frequentemente definida em contraste com aqueles considerados como inferiores: os escravizados, as mulheres, os bárbaros ou os exilados. Essa concepção restrita de humanidade, como discutido, é mantida e sustentada por Sepúlveda. Ela não termina em 1560, mas persiste até os tempos atuais. Contudo, ao mesmo tempo, o colonialismo precisa abrir espaço para uma nova visão. Isso ocorre porque os desdobramentos das invasões — bem como a necessidade de forjar, diante de tamanhas violências (Las Casas, 2006), uma justificativa que fosse aceita por Deus — promovidas pelos europeus cristãos começam a comprometer a clássica definição aristotélica, segunda a qual o homem é um animal político. Nessa visão, a natureza humana estava intimamente ligada à *polis* e à cidadania, algo reservado a uma minoria privilegiada.

A ideia de humanidade deixa de se limitar a uma condição política exercida exclusivamente por um grupo restrito de cidadãos, e passa, pouco a pouco, a ser apresentada como a essência verdadeira e correta, evolução natural de todos os corpos. Contudo, esta humanidade irá se manifestar como uma promessa — como aquelas mentiras, “na volta a gente compra”, que os pais costumam contar aos seus filhos para acalmá-los e evitar incomodações —, que nunca será plenamente cumprida.

Esta nova concepção de humanidade vai abrir espaço para que Las Casas dissocie a dominação da violência explícita. A essa natureza humana, supostamente natureza de todos, universal, será conectada uma antiga ideia de alma dos cristãos. Uma alma capaz de compreender, de aprender e pensar a verdadeira religião ao entrar em contato — quantas vezes fossem necessárias, até a sua internalização — com os milagres e o amor do verdadeiro Deus (Las Casas, 1975). Aceitando-a, por isso, “espontaneamente”. Uma rede que nos aprisiona por dentro, sem a necessidade da utilização de punições e castigos físicos (Foucault, 1999b).

Esta conexão entre a humanidade como natureza universal e a alma como uma essência transcendental racional que anima e ordena o corpo, autoriza um colonialismo que vai avançar a territórios até então inatingíveis. Os colonizadores criam condições de possibilidade, portanto, para dominar e subjugar o corpo de todos ao seu alcance. As duas vertentes em disputa — tanto Sepúlveda, com o cristianismo conquistador e violento, apoiado em Aristóteles; quanto Las Casas, com o cristianismo primitivo e pacífico, fundamentado no amor de Cristo —, convergem, oferecendo ao colonialismo um dispositivo sutil e eficaz para sua expansão, perpetuação e reprodução.

Ao final de aproximadamente sessenta anos de intenso debate, o Julgamento de Valladolid tem seu desfecho. Teria prevalecido a tese, segundo análise de alguns estudiosos, do teólogo Bartolomeu de Las Casas, ou seja, de que a alma dos indígenas existia, embora essa estivesse em um estado de barbárie, necessitando, portanto, do contato com o verdadeiro Deus, de cristianização. Já os povos africanos tiveram um destino distinto e ainda mais cruel: concluiu-se que eles não eram humanos, não possuíam alma, e por isso poderiam ser escravizados pelos que tinham — os europeus cristãos. Assim, enquanto os indígenas foram submetidos à catequese, à doutrinação e à destruição de suas formas próprias de pensamento, os africanos foram reduzidos à condição de mercadoria e vítimas das mais diversas violências.

Jamais Fomos Humanos

No segundo parágrafo da página 9 de “Sensibilidades em colapsos: por uma psicologia social ‘entremundos’”, o problema é colocado:

(...) será que a desnaturalização e o rechaço a esta desejada e mítica posição — de humanos —, poderia também ser um trabalho para uma psicologia social em uma era de catástrofes? Existem outras identidades inéditas porvir, capazes de reconfigurar nossas possibilidades e coletividades, ou estamos fadados a sucumbir a esta identidade majoritária [grifo nosso], ao mesmo tempo em que também sucumbimos à velocidade com que os eventos climáticos extremos deixam de ser exceções para tornarem-se cada vez mais repetitivos? Como imaginar outras formas de pertencimento, menos filiativas e mais extensivas (Édouard Glissant, 2021), sustentadas não pela paranóia narcísico-ressentido mas por outras possibilidades afetivas, de coragem e abertura? (Tietboehl et al., 2026, p. 9)

Talvez a obra de Nêgo Bispo, além de nos ajudar a colocar o problema, nos ajude também a encontrar linhas de fuga ao pensamento que criou condições de possibilidade para isso que o artigo denomina Identidade Majoritária. Visto que, diferente da maioria dos pesquisadores e pesquisadoras da psicologia social, Nêgo Bispo não reivindica o direito de pertencer a um clube que sempre foi e sempre será pautado pela exceção. Talvez possamos aprender com Nêgo Bispo, com a Arte Indígena Contemporânea, com o pensamento afropindorâmico, com Cunhambebe, que toda opressão encontra garantia e fundamento no excepcionalismo humano. Se tivermos coragem e alegria para romper com o humanismo talvez possamos criar uma psicologia social que nos ajude a mapear, intervir e mesmo interromper as opressões que nos violentam. Nesse sentido, nos parece haver um convite, um chamado, ou uma linha de fuga que se abre a partir do pensamento de Nêgo Bispo. Trata-se de um paradoxal e poético convite à insurreição de desumanizar aqueles que jamais foram humanos.

Desumanizar é algo que muitas vezes, mesmo depois de vacinados pelo contracolonialismo, tentamos evitar. É como lavar a louça. Sempre que possível empurramos com a barriga, vamos deixando para daqui a pouco. Mas um dia a feijoada fica pronta e aquele prato com os restos de cachorro-quente, ainda da noite passada, vai se tornando mais incômodo do que o trabalho de esfregar nele água e sabão. Talvez esteja se aproximando o momento de uma constatação muito simples: nosso almoço envolve um conjunto de temperos, aromas e grãos que competem com molho de tomate, salsicha e batata palha. Assim, para sentarmos à mesa e saborear uma boa feijoada precisamos aceitar que antes se faz necessário ir até a pia e lavar a louça. Obviamente existem pessoas que não lavam os seus pratos. Eles sujam, mas não lavam. Humanos. Aqueles que possuem tais privilégios são conhecidos como humanos. Por conta da preguiça, da violência e do medo, acreditamos, um dia, que poderíamos vir a ser como eles (Silva, 2024).

A fome, a esperança e as promessas nos fazem acreditar que somos e/ou seremos parte desse clube. Sacrificamos a nossa vida para sermos aceitos. Aprendemos que quem se esforça o suficiente, abaixa a cabeça, obedece e trabalha, um dia será reconhecido. É verdade que fazemos muitos sacrifícios na tentativa de alcançar esse lugar. No entanto, jamais fomos realmente aceitos. Talvez o mais relevante, agora, seja reconhecer que essa aceitação nunca virá. Afinal, o clube dos humanos depende da exclusão para manter sua lógica de pertencimento e funcionamento.

Ou seja, para que haja humanos é preciso que alguém capine a roça, corte a grama, plante o aipim, colha as laranjas, are a terra, pesque o peixe, recolha o lixo, entregue o gás, cozinhe a comida, lave a roupa, construa a casa, a estrada e a ponte, dirija o ônibus, monte a peça, ensine a ler, contar e pensar, cobre pela passagem do ônibus, da barca e do avião, escreva o roteiro, o verbete e o livro, recicle o lixo, oriente a pesquisa, trance o balaio, venda o artesanato, a roupa e os eletrodomésticos, faça o pão, abasteça o carro com gasolina ou álcool, cobre pelos produtos anunciados nas prateleiras dos supermercados, corte a barba e o cabelo, limpe a casa, o escritório, a fábrica e todo resto, entregue a comida em casa, mate o boi, corte a carne do boi, venda a carne do boi, frite o hambúrguer, (...) e lave a louça (Silva, 2024).

Quanto mais abaixo estamos da escala humana, das imagens da humanidade colonizadora que nos precedem, nos invadem, violentam e marcam há muito tempo, mais somos ensinados a desejar a carteirinha, o passaporte do clube. Com ela, dizem, estaríamos seguros — salvos em um paraíso —, longe de todos aqueles que “não deram certo”. Como sabemos que não há espaço para todos entrarem, nos dividimos desde cedo. Competimos entre nós para saber quem é o mais humano, o mais especial. Ou seja, quem possui mais títulos acadêmicos, o melhor emprego, a melhor casa, a melhor descendência. O excepcionalismo humano nos coloca, portanto, como adversários, ameaças, vigilantes, classificadores e adestradores uns dos outros — e de nós mesmos.

Fechamento

A dúvida sobre a humanidade do outro perdura desde o Julgamento de Valladolid até hoje. A partir dela, privilégios como os da branquitude, da cis-heternormatividade e do patriarcado são sustentados. Genocídios, sexismos, objetificações, exclusões, prisões, preconceitos e demais violências foram, e ainda são perpetradas com base nesta noção. Quanto mais afastados da submissão colonialista, ou seja, da imagem e semelhança do deus monoteísta, da pele branca americana-europeia, da heteronormatividade e da propriedade privada, menos

humanos somos, menos nossa vida vale.

O mesmo conceito — Humanidade — permite à um Norte Americano, Israelense ou Europeu dos dias de hoje ver-se como exceção diante um Brasileiro, um Palestino, ou um Africano. O mesmo conceito contamina o pensamento de políticos, pesquisadores e tantos outros que se propõem a combater as violências e desigualdades. A direita — agenciada à Sepúlveda —, busca proteger o seu clube. Forja argumentos que questionam a humanidade do outro para assim poder exterminá-lo, tirá-lo do seu campo de visão, mantê-lo bem longe do seu clubinho particular, do seu condomínio. Já a esquerda — mais próxima de Las Casas —, se dedica à contaminação de uma crença, uma esperança, uma utopia inatingível: expandir as fronteiras do clube, aumentar as vagas para que mais pessoas possam dele participar e assim aperfeiçoar os subdesenvolvidos, torná-los enfim tão humanos quanto os humanos que questionam nossa humanidade. Embora os objetivos, as metas, as finalidades sejam realmente diferentes, todas as ações realizadas se pautam no mesmo conceito.

Desumanizar é criar linhas de fuga diante desse cercamento. Desumanizar é afirmar um novo posicionamento frente às antigas promessas — das esquerdas — e das permanentes violências — das direitas. Desumanizar é limpar uma pilha de louça que estamos empurrando com a barriga faz tempo. Cunhambebe encarou o humanismo cristão de Hans Staden de modo muito preciso: humano? Não. Eu sou uma onça (Staden, 2021). Desumanizar é dar-se conta de que os bichos, as montanhas, as árvores, os rios, são os nossos parentes (Kopenawa & Albert, 2015). Desumanizar é compreender que o conceito que nos classifica como diferentes do restante da natureza é o mesmo que cria hierarquias, valores, entre nós e o outro, entre eu e você. Desumanizar é perceber que o patriarcado, o machismo, o racismo, a homofobia, se nutrem no livro de Gênesis. Desumanizar é, assim como fez Makunaima, provar a fruta proibida (Esbell, 2018b).

Mais do que aceitar que a morte de Deus, anunciada por Nietzsche (2012), em 1882, terminará matando o homem (Foucault, 1999a) — o seu assassino —, trata-se de trabalhar para que isso ocorra o mais depressa possível. Uma vez que este humano que ocupa a posição universal, neutra e não situada de olho de Deus, desde o cogito de Descartes, é o que garantiu e garante, até hoje, fundamento à expansão colonial (Grosfoguel, 2016).

Mas lavar essa louça não é tão difícil quanto parece. Quando botamos a mão na massa logo percebemos que Jamais Fomos Humanos. E então tudo fica mais leve. O caso é que desumanizar é ainda um verbo leonino. É o rugido do leão (Nietzsche, 2011) que vem para nos separar do humanismo de um camelo que caminha rumo ao deserto dizendo ‘tu deves’. Um dia não precisaremos mais do leão. Um dia seremos leves como a criança que mora em Nêgo Bispo. Nesse dia vamos sorrir dizendo “(...) eu não sou humano, sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas” (Bispo dos Santos, 2023, p. 29).

Referências

- Aristóteles. (1999). *Vida e obra*. São Paulo, Brasil: Nova Cultural.
- Baniwa, D. (2018). Hackeando a 33ª Bienal de Artes de SP [Performance]. <https://www.youtube.com/watch?v=MGFU7aG8kgI>
- Baniwa, D. (2018). *Pajé-Onça caçando na Avenida Paulista* [Performance]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=GtwR1-KopqM&list=LL&index=1&t=80s>
- Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo, Brasil: Ubu Editora/PISEAGRAMA.
- Caboco, G. (2019–2022). *Kanau'kyba anti-batismo de Makunaimi e pussanga da pedra* [Obra de arte]. <https://almeidaedale.com.br/artistas/gustavo-caboco/>
- Deleuze, G. (2018). *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo, Brasil: N-1 Edições.
- Esbell, J. (2018a, jan.). Arte indígena contemporânea e o grande mundo. *Revista Select*, (39). <https://select.art.br/arte-indigena-contemporanea-e-o-grande-mundo/>
- Esbell, J. (2018b, jan/jul.). Makunaima, o meu avô em mim! *Illuminuras*, 19(46), pp. 11-39. <https://seer.ufrgs.br/index.php/illuminuras/article/view/85241/49065>
- Esbell, J. (2021). O'ma'kon – bicharada – reunião dos bichos. In J. Esbell, & P. Berbert (Orgs.), *Moquém_Surarí: Arte indígena contemporânea* (p. 15). São Paulo, Brasil: Museu de Arte Moderna de São Paulo. <https://mam.org.br/wp-content/uploads/2022/04/mam-moquem-surari-catalogo-com-ad.pdf>

- Foucault, M. (1999a). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Foucault, M. (1999b). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Grosfoguel, R. (2016, jan/abr.). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), pp. 25-49. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>
- Gutiérrez, J. L. (2014, maio). A controvérsia de Valladolid (1550): Aristóteles, os índios e a guerra justa. *Revista USP*, 101, 223-235. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i101p223-235>
- Haraway, D. J. (2023). *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo, Brasil: N-1 Edições.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Las Casas, B. de. (2006). *Historia de las Indias*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmct4447>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- Las Casas, B. de. (1975). *Del único modo de atraer a todos los pueblos a la verdadera religión*. Fondo de Cultura Económica.
- Nietzsche, F. (2005). *Além do bem e do mal*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2012). *A gaia ciência*. São Paulo, Brasil. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2012). *A gaia ciência*. São Paulo, Brasil. Companhia das Letras.
- Sá, L. (2017). Macunaíma e as fontes indígenas. In M. de Andrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (pp 223-240). São Paulo, Brasil: Ubu Editora.
- Silva, E. R. da. (2024). Desumanizar. In E. Rocha & T. B. Santos (Orgs.), *Verbolário da caminhografia urbana* (pp. 135–137). Pelotas, Brasil: Editora Caseira.
- Staden, H. (2021). *Dois viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Porto Alegre, Brasil: L&PM.
- Tietboehl, L. K., Lemos, M. S., Souza, M. N., & Nery, R. T. Sensibilidades em Colapsos: por uma Psicologia Social “Entre-Mundos”. *Rev. Polis e Psique*, 2026, 16: e026004.
- Tukano, D. (2022-2023). A redenção [Obra de arte]. In *Nhe'ê Porã: Memória e Transformação* (Exposição). Museu da Língua Portuguesa. <https://nheepora.mlp.org.br/>
- Yanomami, J. (2023). *Os caminhos dos xapiri quando descem até a casa dos xamãs* [Obra de arte]. In B. Albert (Col.), *The Yanomami Struggle* (Exposição). Instituto Moreira Salles. <https://ims.com.br/2023/01/30/o-ims-circula-pelo-mundo-por-nani-rubin/>

Notas

[1]: Agradeço o convite do Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGPSI) da UFRGS. Agradeço a Lúcia, a Mariana, a Monique e a Raysha. Agradeço também a Professora Carolina dos Reis que foi quem me fez o convite e em seu nome todo PPGPSI pelo carinho, pela confiança no meu trabalho. É uma alegria imensa retornar. Mais uma vez, ao coletivo profanações, mais uma vez à Amor e verdade: outros possíveis; Mais uma vez aquilo que podemos não fazer enquanto psicólogos, mais uma vez a minha própria pesquisa de doutorado orientada pela querida Cleci Maraschin, nesse programa. Se o demônio de Nietzsche me colocasse a questão: queres isso mais uma vez? Hoje eu poderia dizer sorrindo, sim vamos lá, mais uma vez.

[2]: Obra Evangelho nas Selvas (1893), de Benedito Calixto. Disponível em: <https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?ns=201000&id=12048&lang=po&IPR=647>

[3]: Site para acesso da exposição virtual: https://mam.org.br/exposicao/moquem_surari-arte-indigena-contemporanea/

Enviado em: 08/08/2025

Aceito em: 14/12/2025

Contribuição dos Autores

Conceitualização: E. R. S.; B.S.

Redação do manuscrito: E. R. S.; B.S.

Análise dos dados: E. R. S.; B.S.

Revisão e edição: E. R. S.; B.S.

Como citar:

Silva, E. R. & Scherer, B. Jamais fomos Humanos: ensaio de uma Psicologia Contracolonial. *Rev. Polis e Psique*, 2026, 16: e026005.

Financiamento:

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).